

Um cotidiano nada cotidiano

Dayane Cabral Leite

RESUMO: Este relato de experiência tem como propósito partilhar momentos cotidianos de uma sala de aula da educação infantil que dão pistas sobre a importância de se escutar o que as crianças têm a dizer. A literatura, no cotidiano das crianças, favorece o encontro entre a memória e o simbólico, a interação, a construção de sentidos, e coloca em suas mãos a possibilidade de intercambiar momentos reais e imaginários que podem ser revisitados sempre que desejado.

Palavras-chave: Bartolomeu Campos de Queirós. Educação Infantil. Literatura.

ABSTRACT: This experience report aims to share everyday moments in an early childhood education classroom that give clues about the importance of listening to what children have to say. Literature, in children's daily lives, favors the encounter between memory and the symbolic, interaction, the construction of meanings, and puts in their hands the possibility of exchanging real and imaginary moments that can be revisited whenever desired..

Keywords: Bartolomeu Campos de Queirós. Early childhood education. Literature.

Ter em mãos um livro é apossar-se da fantasia, é espantar-se diante dos preconceitos, é deixar vir à tona a compaixão pela nossa incompletude. É preparar-se para jamais se surpreender com a intimidade silenciosa que habita em nós e no outro. E mais, ler é apropriar-se da incerteza do amanhã. (QUEIRÓS, 2019b, p. 95)

Como professora das infâncias, concordo com Bartolomeu e assumi o compromisso de apresentar livros de literatura para crianças pequenas. Entendo que a escola é espaço de conhecimentos múltiplos e manifestações culturais diversas. Logo, leio diariamente para minhas crianças, releio diversas vezes o mesmo livro, estímulo o toque e o virar das páginas, apresento as ilustrações. No entanto, no ano de 2021 tivemos um ano escolar atípico e precisei me adaptar aos novos formatos que o distanciamento social exigia. A Covid-19 ainda vitimava muitas pessoas e, como professora da educação infantil, precisava descobrir novas formas de aproximação sem contato físico. Uma tarefa nada fácil. Escolas do mundo inteiro precisaram descobrir diferentes maneiras de receber as crianças e suas famílias.

A escola em que trabalho atende crianças do berçário ao pré II, com idades de 6 meses até 6 anos incompletos. No período pandêmico, as turmas de berçário e maternal permaneceram com atividades totalmente remotas e para as turmas de pré I e II foi feita uma separação por grupos (A, B e

C) com rodízios entre aqueles que frequentariam a escola. Os grupos A e B se alternavam nas atividades presenciais, enquanto o grupo C, por escolha das famílias, permanecia com atividades remotas em casa. No revezamento, às vezes um professor estava positivo e precisava de isolamento. Com a nova rotina e as turmas de maternal em atividades 100% remotas, eu e as demais professoras do maternal precisávamos cobrir os “buracos” que surgiam diariamente.

Cada professora do berçário e do maternal com turma a distância “recebeu” uma turma presencial para dar apoio. Assim, toda vez que aquelas crianças estavam sem algum professor, éramos acionadas para atender e desenvolver alguma atividade com elas. Dentro das possibilidades, foi assim que a Instituição conseguiu se organizar para melhor atender as crianças. A mim, coube uma turma de pré II, com crianças de 5 anos.

Diariamente eu passava pela sala do pré II para oferecer ajuda na realização das atividades. Com o quadro de profissionais reduzido, o horário de planejamento, assegurado por lei, não estava acontecendo como deveria. Assim, para que as professoras regentes pudessem ter seu tempo de planejar, a direção se desdobrou para bolar novas formas de garantir nosso direito ao planejamento pedagógico. Uma das estratégias foi fixar horários das professoras com turmas totalmente remotas nas salas presenciais. O momento vivido exigia manobras diárias na rotina da escola, por isso toda a equipe pedagógica se mobilizava para que as

crianças pudessem ter acesso a um ambiente escolar agradável e rico em experiências.

Mesmo diante das dificuldades sanitárias, vivemos momentos ricos com as crianças. Valorizamos o olhar infantil curioso e sensível para as singularidades do cotidiano que nos lembram da beleza do ínfimo. A seguir trago três cenas de um mesmo dia de atividades em que precisei assumir a turma e que marcam a importância do registro do cotidiano.

O REGISTRO DO COTIDIANO

Falar de leitura na primeira infância exige contexto porque todos sabemos que os bebês não leem, no sentido convencional da palavra. Mas também sabemos que a leitura tem suas raízes na complexa atividade interpretativa que o ser humano desenvolve desde seu ingresso no mundo simbólico. Quando começa então a história do leitor? (REYES, 2010, p.13)

As crianças do pré II já começavam a ter a intimidade com algumas letras, geralmente aquelas utilizadas no seu nome. As raízes da leitura e da atividade interpretativa de que Reyes fala já faziam de seu universo, um universo simbólico. Certo dia, separei sete livros e os levei para a sala. Queria conhecer um pouco mais da complexa atividade interpretativa daquelas crianças. A semana estava chuvosa e provavelmente teríamos que ficar dentro de sala o tempo todo. Minha intenção era expor os livros e observar como se comportavam diante das minhas escolhas. As sete obras eram de Bartolomeu Campos de Queirós – *A árvore* (2018), *Flora*

(2009a), *O gato* (2014), *O rio* (2019a), *Os cinco sentidos* (2009b), *Rosa dos ventos* (2009c) e *Tempo de voo* (2009d).

As crianças já sabiam que sempre que entrava em sala tinha uma novidade, uma proposta diferente. Esperei todos como de costume, saudando cada criança, com os livros nas mãos, mas sem mencionar nenhum deles.

O cotidiano em uma sala de aula é um momento único que pode ser percebido ou ignorado. Durante minha atividade pedagógica, tenho prazer em observar nas crianças o que Manoel de Barros chamaria de momentos desimportantes. Gosto de ouvir suas histórias, gosto de como constroem as cenas e desenvolvem os desfechos. Gosto de notar suas soluções para os pequenos problemas do cotidiano. A vida diária é feita de encontros e relações que muitas vezes passam despercebidas.

Cena 1

Autor?

Sem dizer uma única palavra, sentei no chão, no fundo da sala, e coloquei todos os livros formando um semicírculo. Pouco a pouco as crianças se sentaram junto dos livros. Rafael pegou o primeiro e começou a folhear. Milena disse que adorava roxo e tomou em suas mãos *A árvore* (2018); João Miguel escolheu *O rio* (2019a). Aos poucos, observaram suas ilustrações e detalhes das cores. Rafael chegou às últimas páginas de *Tempo de voo* (2009d) e perguntou quem era aquele homem na foto. Respondi que

Observou atentamente cada página e, com o dedo indicador tocando a ilustração, parecia seguir o curso do rio ao longo das páginas. [...] Mesmo sem saber decodificar as letras para descobrir as palavras, o livro conversou com ele.

era Bartolomeu, autor daquele livro. Com uma voz curiosa, questionou: “Autor?” Ester, mais que depressa, disse: “Ele que escreveu o livro!” Depois da resposta, Rafael¹ e ela voltaram os olhos para mim, como se esperassem minha confirmação. Assenti e sorri, agradecendo Ester pela ajuda.

Quando Rafael perguntou sobre a foto de Bartolomeu, isso chamou a atenção do grupo para as fotos do autor e dos ilustradores. Mais que depressa perceberam que aquele mesmo homem da foto, um autor, escreveu todos aqueles livros. Depois de pesquisarem mais um pouco, perceberam que os ilustradores eram diferentes.

Cena 2

João Miguel e *O rio*

Rapidamente João confirmou que a foto de Bartolomeu estava no final do livro e se concentrou em suas ilustrações. João leu *O rio* através da história contada pelas belas ilustrações de Camila Carrossine. Observou atentamente cada página e, com o dedo indicador tocando a ilustração, pare-

cia seguir o curso do rio ao longo das páginas. Observou as casas e suas cores margeando o azul, os peixes e as histórias representadas em meio às águas cristalinas que atravessam o livro. Mesmo sem saber decodificar as letras para descobrir as palavras, o livro conversou com ele.

João Miguel fez questionamentos a respeito do rio. Ora perguntava se o rio estava passando em todas as páginas, ora conversava aos sussurros com o livro. Levantou hipóteses a respeito do seu destino, percebeu que o rio atravessava o livro de capa à contracapa e se lembrou de um rio que ficava próximo a sua antiga casa. Quando chegou à ilustração abaixo, lembrou o motivo de sua família ter se mudado para longe daquele rio. “Que maneiro esse peixe, tia!

55



Ele podia ter salvado minha casa.”

Figura 1: Ilustração de miolo do livro *O rio* de autoria de Camila Carrossine². Fonte: QUEIRÓS, 2019a

¹ Todos os nomes das crianças são fictícios, forma substituídos para preservar suas identidades.

² Agradeço a Camila Carrossine, que muito gentilmente nos cedeu a imagem original da publicação. A

Cena 3

João Miguel e o bebê *newborn*

No mesmo dia dos livros, Milena levou para escola um boneco do tipo *newborn*. O brinquedo, que realmente parece um bebê recém-nascido, estava chamando a atenção de todos, inclusive a minha. Aproveitei a curiosidade e pedi que ela apresentasse seu bebê. Para surpresa de todos, ele tinha nome – Gabriel. Usava roupas macias e confortáveis, tinha uma mamadeira que realmente aparentava ter leite em forma líquida. A “pele” era macia e delicada, seu corpinho era mole como o de um bebê com poucos dias de vida. Todos conheceram Gabriel, tocaram sua pele, sanaram a curiosidade a respeito dos detalhes do brinquedo, menos João Miguel. Ele ainda precisava tocar mais e pegá-lo no colo. Receosa, Milena permitiu depois que ele prometeu ser cuidadoso. Os olhos de João brilhavam ao segurar o brinquedo. Suas mãos cuidadosas davam pistas de que aquela habilidade no manuseio vinha da experiência.

Por diversos momentos, João permaneceu brincando com Milena e o bebê *newborn*. Ester, melhor amiga de Milena, estava enciumada, pois João estava brincando por tempo demais com sua amiga. Tomada pelo ciúme, Ester disse: “Bebê *newborn* é feito para meninas!” João logo respondeu: “Nem ligo, estou aprendendo a ser pai!”

Concordei com ele e apoiei sua resposta. Ester não pôde contestar. Instantes depois, disse a ele em segredo: “Estou orgulhosa de você!” Ele me olhou nos olhos, sorriu e continuou a brincar de ser pai.

ALGUMAS REFLEXÕES

João sempre me encantou por seu cuidado com os colegas de sala e sua atenção a todas as novidades que eu apresentava à turma. Depois de reler as cenas registradas em meu caderno de campo e reviver cada uma delas, volto a Paulo Freire em suas reflexões a respeito da natureza do ser humano e seu entendimento do que o diferenciava dos intelectuais. Freire (2021, p. 49) disse: “Jamais aceitei que a educativa devesse se ater apenas à ‘leitura da palavra’, à ‘leitura do texto’, mas também à ‘leitura do contexto’, à ‘leitura do mundo’.”

Em sala João sempre assumiu a posição de questionar e tentar compreender o que se passava a sua volta. Lia o mundo através da sua observação dos contextos. Pensamento rápido, previa situações que seus colegas não conseguiam prever. Sua postura em sala insinuava responsabilidades que me davam pistas de alguém que estava acostumado a cuidar. No dia do bebê *newborn*, fiquei extremamente intrigada com sua habilidade para dar a mamadeira àquele boneco. Uma habilidade que eu mesma, uma mulher adulta, não tenho tão desenvolvida,

ilustração de página dupla do livro não nos permitiria um escaneamento satisfatório e, conseqüentemente, a apresentação de uma imagem de qualidade.

Um cotidiano nada cotidiano

João tirou de letra. Dias depois conversamos e ele relatou que gostava de ajudar sua mãe no cuidado com sua irmã recém-nascida.

A literatura apresentada em sala mostrava situações existenciais reveladas pelas ilustrações. Cada folhear de página proporcionava material para se “ler” muito além do que nossos olhos adultos estão acostumados. João e seus colegas criaram muito mais do que imaginei. Rafael percebeu uma foto que não fazia parte da história contada pelas ilustrações. De forma encantadora, Ester sabia o que era um autor. A pesquisa de todos para conhecer o autor de cada um daqueles livros, e a surpresa maior de saber que uma mesma pessoa escreveu todos eles, trouxe conhecimentos diversos para aquelas crianças.

As cenas apresentadas corroboram o que Reyes fala sobre a literatura e a importância de

frisar que não se trata apenas do que se mostra nos livros, mas do que circula na memória coletiva – é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem. (REYES, 2010, p. 63)

Os livros e as crianças instauraram comunicação. João Miguel claramente recorreu à memória e propôs uma solução para um problema que sua família enfrentou tempos atrás. O livro, no cotidiano da criança, promove esse encontro, com interação, construção de sentidos, e coloca em suas mãos a possibilidade de intercambiar

momentos reais e imaginários que podem ser visitados sempre que desejado.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Organização de Ana Maria de Araújo Freire. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **A árvore**. Ilustração Mario Cafiero. 4ª ed. São Paulo: Global, 2018.

_____. **Os cinco sentidos**. Ilustração Camila Mesquita. 3ª ed. São Paulo: Global, 2009b.

_____. **Flora**. Ilustração Ellen Pestili. 2. ed. São Paulo: Global, 2009a.

_____. **O gato**. Ilustração Anelise Zimmermann. São Paulo: Paulinas, 2014.

_____. **O rio**. Ilustração Camila Carrossine 2. ed. São Paulo: Global, 2019a.

_____. **Rosa dos ventos**. Ilustração Camila Mesquita. 3. ed. São Paulo: Global, 2009c.

_____. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Organização de Júlio Abreu. 2. ed. São Paulo: Global, 2019b.

_____. **Tempo de voo**. Ilustração: Alfonso Ruano. São Paulo: Comboio de Corda, 2009d.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. Tradução de Márcia Frazão e Ronaldo Periassu. São Paulo: Global, 2010.

SOBRE A AUTORA:

Dayane Cabral Leite é Doutoranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestra em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e especialista em Literatura In-

LEITE, D. C.

fantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É também professora de Educação Infantil na rede municipal de ensino de Maricá. Além do LeLiS, integra o grupo de pesquisa Alfabetização, Memória, Formação Docente e Relações Etnicorraciais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ALMEFRE – UERJ).